

O LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA — DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSAVEL J. P. LIXÇA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1,600 réis: numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampilhas.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da Barbacem 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo common, 20 réis, annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

LOULÉ

Desvaneceram-se os boatos de crise ministerial; mas para entreter a curiosidade politica, e como que em desforço, apparece agora a noticia de que o governo em conferencia decidiu dissolver as camaras em janeiro proximo.

Em resposta á exposiçáo da fraqueza do governo e ás consequencias necessarias d'um tal estado, os amigos da situação atiraram á publicidade a supposta resolução d'uma supposta conferencia intima realisada ha pouco entre os homens do governo, pretendendo assim manter no espirito dos correligionarios a fé na força actual e a esperanza de melhores dias ainda, n'um futuro proximo, mais desafogado e prenhe de concessões e graças.

A perspectiva d'uma eleição geral, com effeito, é de molde a avigorar o enervamento produzido pelas reduções nos empregos, o augmento de impostos e, n'um ou outro ponto, as execuções fiscaes, sem falar na desconfiança primitiva de muitos magnates.

No estado actual da nossa politica, arreigados costumes viciosissimos em todas as operações eleitoraes, dominando a corrupção na conquista de votos, a mentira nos documentos officiaes, base essencial dos actos politicos, e concorrendo a enorme indifferença de grande numero de cidadãos, na quasi totalidade, dos mais instruidos e de maior valimento, a realisação d'uma eleição geral deve trazer compensações a males passados e tonificar os amigos, dispondo-os a mais firme e duradouro apoio.

E por melhor que seja a boa vontade de corrigir os habitos e attender ás justissimas reclamações contra a falsificação do sufragio, por mais rectas que sejam as intenções do governo, e sensata e moderada a attitude de todos os homens publicos do paiz, dispondo-se a cooperar na mais rapida regeneração da nossa vida politica, é certo que vicios inveterados de longa data se não modificam d'um para outro momento, desaparecendo simplesmente ante os desejos dos dirigentes, a muitos dos quaes, se deve a sua permanencia e desenvolvimento.

N'esta altura, pois, e sob o ponto de vista dos interesses ministeriaes, achamos justificada a noticia da breve dissolução da camara.

Mas recordando o modo de formação do actual governo, a marcha da finda sessão legislativa, a benevolencia, desinteresse

e generosidade que o partido progressista sempre tem dispensado lealmente á situação, e attendendo ao estado ainda melindrosissimo das nossas finanças e á agitação terrivel que lavra nas nações, com quem mais afinidade mantemos, não podemos acreditar na dissolução projectada pelos srs. ministros ou pelos seus dedicados.

O ministerio organisou-se tal como se encontra, porque podia contar com maioria nas duas casas do parlamento; foi esta a razão constitucional allegada e defendida, com o fundamento nas perturbações que uma eleição geral acarretaria e corroborada depois pelos resultados da sessão legislativa.

As camaras fecharam-se e nada tem indicado que a posição da maioria parlamentar se tenha modificado.

A situação do partido progressista, definida e sustentada no parlamento, tem continuado inalteravelmente a mesma até hoje.

Não vemos por isto razão para que o governo não procure continuar a dirigir os negocios publicos, acceitando o apoio d'uns, que nunca lhe foi negado, e a cooperação que nunca lhe faltou, d'outros.

Afora o facto, de continuarem diffices os negocios da nossa admistração; persistindo, por isso, as mesmas causas, para que, evitando-se comoções politicas, fossem chamados aos conselhos da corôa os actuaes ministros.

Além de tudo, os acontecimentos actuaes de Hespanha e Brazil, e os preparativos que se fazem em todas as grandes potencias da Europa, deixando antever, n'um futuro muito proximo, uma horrivel conflagração geral, impõe-nos a necessidade d'um governo estavel e forte, affastando ao mesmo tempo todas as causas de perturbação politica.

Nenhum motivo serio existe, pois, a nosso ver, que possa explicar a dissolução em que se fala.

Se o governo está fraco e não se julga com energia para continuar tal como se apresentou ao paiz, e administrar conforme a ordem d'idéas que então expoz, largue o poder, que é esse o seu dever, porque a fraqueza de que enferma não lhe veio dos contrarios mas dos seus proprios actos.

A dissolução da camara não tem razão de ser.

N'estas ferias parlamentares em que o publico não tem que empregar a attenção nas

certeza, e menos convenção e frivolidade visível.

Sentia-se que a rainha tinha formado na sua escola este grupo da aristocracia romaiça, da qual é o francez a lingua usual.

A primeira vez que tive a honra de fallar com sua magestade, o meu espanto não foi o ouvil-a fallar superiormente de cousas superiores; eu sabia de antemão que ella era assim. Mas como rainha e obrigada «perpetuo sorriso dos idolos» parecia-me que devia ter ficado ignorante de certos recantos, de certos sofrimentos da alma humana — e a minha admiração foi grande de ver que, pelo contrario conhecia a fundo todas as amarguras, todas as miserias de coração dos pequenos e dos mais humildes, assim como, as dos grandes e dos principes. Para formar assim esta soberana, foi preciso a sua infancia austera e assombreada de todos os lutos, em um castello do norte; a sua infancia passada de proposito longe das côrtes e posta em contacto com os sofrimentos dos pobres que viviam no dominio paterno. Para a tornar tão boa e tão accessivel aos que choram, foi preciso uma primeira educação simples e familiar co-

discussões, a maior parte das vezes estereis, que se levantam nas camaras; agora que a imprensa está mais falta de assumptos politicos, porque a arcada se encontra vazia, estando os *habitués* a refrescar-se nas salsas ondas do Oceano, e os ministros passando a estação nos locais mais apraziveis e frescos, livres dos consulentes que continuamente assaltam os ministerios; agora que as conversações eram mais monotonas, versando sobre qualquer futilidade, appareceu um homem que veio preencher esta grande lacuna, atrahindo as attensões dos politicos, as imprecações da imprensa e as maldições de todo o povo que vê, sem proveito, gastar-se muito dinheiro.

Esse homem é o *grande* ministro da guerra Pimentel Pinto.

Decedidamente este Pinto tem o prurido da celebridade, alcançada seja porque meio fór.

Depois das manobras em Lisboa, as manobras no norte do paiz e o ministro, todo inchado no seu vistoso dolman, ali vai a caminho do Porto; mas como ali não haja regimento ou destacamento de lanceiros e o sr. Pinto tenha grande predilecção pelas bandeirinhas, manda ir de Lisboa dois soldados de lanceiros para lhe servirem de ordenanças! Sempre é mais vistoso e produz melhor effeito ser seguido por dois soldados com as bandeiras a oscilarem á mercê do vento, do que por dois simples soldados de qualquer outro regimento de cavallaria.

E como o sr. Pimentel só tem em mira o effeito theatral, que importa o mais?! Que importa que o thesouro gaste umas dezenas de contos? Satisfacção-se os caprichos d'um ministro que está mesmo a pedir Offenbach, e a patria está salva, as finanças equilibradas e a crise debellada.

Infeliz nação onde o bom senso nem sempre medra. Que Pimentel! Que Pinto! E que ridicula comedia se está agora desenvolvendo!

Oh manes de Offenbach!...

E ainda a proposito das *insignificantes despesas* com manobras, sempre diremos que foi agora aberto um credito de trinta contos de réis para satisfazer os subsidios de marcha e de residencia eventual e transportes a officiaes e a praças de pret, no exercicio corrente.

Mas para manobras, isso não. Credo!

O sr. Pimentel Pinto é o modelo dos ministros economicos e não gasta nem um real, que não seja em despesas de absoluta necessidade.

Sem as manobras não podiamos nós passar. Seria um descredito para a nação o dizer-

se que não tinha dinheiro para acompanhar as grandes nações nos movimentos militares.

Lá fóra seriam mal apreciadas as economias que não consentissem as viagens do sr. ministro da guerra, e não permitissem a sua publica ostentação, cercado de um luzido estado maior.

A França e a Russia

Uma esquadra russa vai a Toulon pagar a visita que a esquadra franceza fez a Cronstad. As principaes cidades francezas prepararam-se para fazer uma recepção brilhante e entusiasta á marinha russa; por toda a parte se organisam festejos publicos, preparam-se concertos, espectaculos, corridas de velocipedes e de cavallos, arcos triumphaes, illuminações, festivaes, etc. etc.

Um completo delirio em França pela chegada dos marinheiros russos.

Desde Toulon até Paris se armam arcos de triumpho para a passagem dos russos.

Está aberta em Paris uma subscrição publica, que já attingiu uma cifra consideravel, para occorrer ás despezas com os festejos em honra da Russia.

Os jornaes russos são unanimes em manifestar o seu entusiasmo pela visita de Toulon e consideram os preparativos já começados para a recepção como a prova mais clara e evidente que a união com a Russia está acima de todas as outras aspirações politicas da nação franceza.

Alguns vêem nas manobras militares que a Allemanha mandou fazer na Alsacia-Lorena, uma provocação á França e um jogo perigoso para a paz europeia.

Jornaes francezes aconselham á França sangue frio e prudencia.

E a França responde ás provocações allemanas e italianas com uma brilhante e cordeal recepção á esquadra russa.

Creemos bem que a França n'este momento quasi não pensa n'outra cousa que não sejam as festas em honra da Russia, e será esse o assumpto predilecto de todas as conversações dos francezes.

Vão ser pois estas umas delirantes festas em que todos tomam parte desde o povo ao presidente da Republica.

Por occasião da festa da Senhora da Piedade estiveram n'esta villa os seguintes reverendos srs. Bernardino Mirabent Pessanha, prior de S. Pedro de Faro; Marianno da Silva Corréa, prior de Pechão; João Jacintho Sequeira, prior de Santa Barbara de Nexe; Carlos Christovão Genez Pereira, beneficiado da Sé de Faro e padre Aguas.

FOLHETIM

A EXILADA

POR
PIERRE LOTI

DA
ACADEMIA FRANCEZA

—
CARMEN SYLVA

Novembro de 1887.

E que boa recordação eu guardo tambem de todas essas meninas que pelo primeiro cumprimento do dia, me estendiam a mão com uma simplicidade tão gentil e de tão boa companhia! Eu tinha ficado surprehendida, á minha chegada á côrte de as ouvir a todas, apesar do seu fato oriental, fallar em purissimo francez de todas as cousas intelligentes e novas como as parisienses do melhor mundo — talvez mesmo melhor do que as verdadeiras parisienses da sua idade, com mais

plivas, educadas no paço junto d'ella têm sido sempre escolhidas, de preferencia, nas familias sobre as quaes pesa algum luto, ou alguma desgraça mysteriosa; e todas as que ahi se têm succedido e as que partem chorando para seguir um marido, parecem ter guardado pela rainha uma completa adoração.

Uma piedade immensa que parece exahalar-se de tudo — e que nada espera em recompensa, — que desculpa tudo e para sobretudo, é aonde, julgo eu, consiste o raro dom, um pouco sobrenatural, que o tempo, o soffrimento, as decepções e as ingratições, deram a esta rainha.

Mas com a sua natureza ardente, com o entusiasmo apaixonado por tudo o que é bello e nobre, sua magestade deve ter passado por muitas surpresas, indignações e revoltas antes de chegar a este sorriso ultra terrestre que parece fazer agora parte integrante de si propria:

«Cada um de nós quasi que tem tido o seu gethósemani e o seu calvario» escreveu ella, «aquelles que resuscitam depois, já não pertencem á terra».

(Continúa).

A festa de N. S. da Piedade

Realisou-se, enfim, no domingo passado, a festa da Piedade. Depois de tanto ruído, de tanto dissabor, d'uma lucta tão encarniçada, a festividade veio a fazer-se no templo de S. Francisco, igreja parochial de S. Sebastião, e conforme o programma do tempo em que havia uma só freguezia.

Tudo exactamente como se a festa houvesse sido feita no seu dia proprio, menos a concorrência e o entusiasmo, que tão característica tornavam esta manifestação religiosa. A friezta foi geral e até accommetten os illustres oradores sagrados!

O rev. padre Miranda, prior de S. Sebastião, que orou no sabbado de tarde, houve-se á altura da sua fama—um prégador da Guia, em Semana Santa.

No domingo de manhã subiu ao pulpito o nosso amigo rev. padre Bernardino Pessanha, digno prior de S. Pedro, de Faro, e, francamente, confessamos que ficámos desagradavelmente impressionados pelo discurso que lhe ouvimos.

O sr. prior de S. Pedro não esteve á altura dos seus merecimentos e dos seus creditos, produzindo uma oração desigual no estylo, descuidadissima na parte principal—a confirmação—e infeliz na peroração. Talvez para não desafinar do conjunto festivo.

Em todo o caso pedimos ao illustre orador sagrado que, quando cá voltar, se não deixe influenciar pelo *tom local* e nos faça ouvir a sua eloquente palavra unicamente inspirada pelo seu talento e pela sua illustração.

Os fogos foram na Praça, local situado fora da area da freguezia de S. Sebastião, apesar da egreja parochial ter junto a si um largo bastante espaçoso, o primeiro da villa.

O fogo, que foi pouco, era produção do habil pyrotechnico d'esta villa, o sr. Thiago José d'Azevedo.

Emquanto que no anno passado estavam illuminadas as ruas de S. Sebastião, S.º Antonio, Ferradores, Nova da Piedade, Quarteira, Serpa Pinto e Largo de S. Francisco, este anno apenas a Praça com uma ornamentação e illuminação já muito vistas e muito sabidas.

Regressou de Lisboa á sede do districto o sr. dr. Mathews Teixeira d'Azevedo, governador civil de Faro.

Segundo vimos no nosso presado collega o *Correio da Noite*, s. ex.ª traz o sacco cheio... Cheio?! Mas de quê?

Em tempos de economias não é facil encher o sacco d'um governador civil tão popular como o sr. dr. Mathews Teixeira.

Nem mesmo o sr. governador civil carece distribuir coisas *ensacadas*, basta-lhe a sua comprovadissima energia.

Haja vista á eleição de Tavira.

Tem estado ultimamente doente o nosso prestante correligionario politico, sr. Frederico Ramires, illustre deputado pelo circulo de Villa Real de Santo Antonio.

Sinceramente lhe desejamos o prompto restabelecimento.

Na passada semana esteve n'esta villa o nosso amigo e assignante sr. Manoel Francisco das Vinhas, d'Albufeira.

Afim de fazer uso dos banhos da Praia da Rocha, partiu na quarta-feira para Villa Nova de Portimão, a ex.ª esposa, filhos e cunhadas do nosso particular amigo e correligionario, sr. Sebastião Corpas, acreditado negociante, de Loulé.

Vimos na passada semana n'esta villa o sr. Joaquim Gonçalves Bomsinho, dignissimo empregado dos srs. Villarinho & Sobrinho, de Silves.

Falleceu ha dias em Mertola o sr. José Pedro da Lança Cordeiro, estremecido pae dos nossos excellentes amigos Manoel Santanna da Lança Cordeiro, José Santanna da Lança Cordeiro e Antonio da Lança Cordeiro, e primo do nosso director politico.

O finado era um perfeito cavalheiro e a sua morte deixa enlutada uma numerosissima familia e cheios de saudade muitissimos amigos dedicados.

A toda a illustre familia do extincto endereçamos a expressão do nosso pesar.

De passagem para Lagos esteve na terça-feira passada n'esta villa o nosso particular amigo, sr. Francisco Silvestre de Souza Rocha, digno escrivão da fazenda de Castro-marim.

Tem continuado retido em casa, por incommodo de saude, o nosso distincto amigo sr. dr. José dos Santos Duarte Pimenta, meritissimo juiz de direito d'esta comarca.

S. ex.ª acha-se hoje, porem, consideravelmente melhor e crêmos que em poucos dias o veremos completamente restabelecido.

Assim o desejamos.

Acha-se em Lisboa, onde tencioná demorar-se alguns dias, o nosso respeitavel amigo e prestimoso correligionario sr. dr. José Lapa Fernandes Manoel, mui digno Deão da Sé de Faro.

Está em Portimão fazendo uso dos banhos salgados, o nosso distincto amigo e correligionario, o ex.º conselheiro José Carlos de Gouveia, dignissimo deputado por Evora e chefe do partido progressista do mesmo districto.

Que a sua ex.ª aproveitem os banhos e que gozê bastante n'esta linda provincia, é o que sinceramente desejamos.

Acham-se n'esta villa os srs. José Cristovam Junior dignissimo empregado da acreditada casa commercial do sr. Joaquim Manoel Crespo, antiga casa Ortiz & Crespo, e o sr. Modesto Roiz Garcia dignissimo empregado da bem acreditada casa commercial do sr. Cupertino Ribeiro & C.ª da Capital.

Finou-se ha dias em Castro Verde uma interessante menina de 13 annos de idade, filha do nosso bom amigo José Jacintho Falleiro.

Para tamanha dôr crêmos que não haja consolações possíveis; limitamo-nos por isso a enviar aos pais da desditosa creança e a toda a sua illustre familia a expressão sincera da nossa condolencia.

A capital do Brazil, Rio de Janeiro, tem sem sido bombardeada pela esquadra dos revoltosos, commandada pelo almirante Custodio José de Mello.

Pelos ultimos telegrammas, parece que foi exigida capitulação immediata ao governo do marechal Peixoto, presidente da Republica, sob pena de proseguir com mais vigor o bombardeamento da cidade.

Tambem consta que alguma tropa dos revoltosos tem desembarcado, esperando-se de um para outro momento a noticia d'um combate decisivo.

Uma verdadeira desgraça para o Brazil, esta lucta, motivada simplesmente pela ambição do mando escudado no predomínio exclusivo do militarismo.

Festejos:—E' hoje que se realisa em Albufeira a regata promovida por alguns rapazes d'aquella villa, proporcionando assim, aos banhistas que ali se encontram, uma agradável distracção.

O programma da regata, que constará de duas corridas, é o seguinte:

1.ª corrida, de tres bateis tripulados por seis intrepidos rapazes, convenientemente instruidos. 1.º batel, distinctivo, bandeira encarnada, Antonio Dias e João Estanislau dos Ramos; 2.º batel, distinctivo, bandeira azul, Luiz de Souza Ramos e Luiz dos Santos Alves Ramos; 3.º batel, distinctivo, bandeira branca, José Manoel Cavaco Aguas e Francisco Valente d'Almeida Miranda.

Em cada batel encontrar-se-hão mais tres timoneiros, para direcção e boa execução d'este empreendimento, que caprichosamente tentam levar a effeito com brilho, e outro conduzirá a excellente philarmonica *Recreio Albufeirense*, que ha de executar as melhores peças do seu vasto repertorio.

O premio d'esta corrida será offerecido pela ex.ª sr.ª D. Anna Dias (Beja), gentilissima e virtuosa senhora.

Na 2.ª corrida não haverá distincção de classe, podendo toda e qualquer batel concorrer com equal numero de tripulantes, sendo o premio de 4\$500 réis.

Findo este brilhante festejo, haverá no passeio publico, na *Meia Laranja*, uma linda e vistosa illuminação á veneziana, tocando no coreto, em frente do jardim, a referida philarmonica.

—Realisa-se tambem hoje em Almancil a festa d'egreja em honra de S. Lourenço, orago d'aquella freguezia, tocando n'este acto a philarmonica d'esta villa *Artistas de Minerva*, vulgarmente conhecida pela *Nova*.

Chegou na passada sexta-feira a esta villa, d'onde é natural, o nosso amigo sr. dr. José Caetano d' Amorim Benevides, com residencia em Lisboa, onde exerce a advocacia.

Esteve na terça-feira n'esta villa e seguiu depois para Quarteira fazer uso dos banhos salinos o nosso amigo, sr. João Rodrigo de Souza Valente, digno prior de Vaqueiros.

Transcrevemos d'*O Seculo* um telegramma, relativo aos exercicios militares, que faz honrosas referencias ao nosso amigo sr. Antonio Garcia Guerreiro, capitão de estado maior.

«**Valongo, 21 ás 5 e 30 t**—*Seculo*, Lisboa. Todos os entendidos são unanimes em louvar a efficacissima intervenção nos exercicios militares realizados nas proximidades d'esta villa, do capitão de estado maior, Antonio Guerreiro, um bello e activo militar que servia de chefe do corpo de estado maior».

Ao nosso amigo enviamos d'aqui as nossas felicitações sinceras e um apertado abraço.

Esteve entre nós, na segunda-feira passada, o nosso amigo e assignante sr. José Mendes Pinto, abastado proprietario de S Braz d'Alportel.

Baptisou-se na passada quarta-feira a filha do nosso amigo sr. José Francisco Nobre da Silva.

A neophyta recebeu o nome de Maria e foram testemunhas o rev. prior da Luz de Tavira e a ex.ª sr.ª D. Eugenia Nobre da Silva.

Aos paes e toda a ex.ª familia damos os nossos parabens.

A VISO

O cafe da recebedoria d'esta comarca, estará aberto para a cobrança voluntaria da 4.ª prestação da contribuição predial do anno civil de 1892, durante o mez de outubro proximo futuro.

Foi nomeado governador civil substituto d'este districto o sr. Francisco Constantino Pereira de Mattos.

Tem passado bastante incommodado de saude o nosso amigo sr. José Antonio da Piedade, dignissimo sachristão da freguezia de S. Sebastião d'esta villa.

Folgamos com as suas melhoras.

Diz-se que vae ser novamente remodelada a recente classificação do pessoal de fazenda.

Tem graça. Depois de um laboriosissimo parto o sr. ministro da fazenda deu á luz, ao que parece, um monstro; pois que ainda são passados apenas alguns dias e já se reconhece a necessidade de uma *profunda* operação no malaventurado producto.

O peor é se a emenda sae peor que o soneto.

Tudo é possível.

Cedo, porém comecem a manifestar-se incompatibilidades entre o pessoal fazendario e o *socialismo collectivista*. Ainda se ao menos os contribuintes lucrassem com os ensaios doutrinaris do sr. Fuschini?

Acha-se doente de cama o sr. Antonio Martins Cypriano, empregado da nossa typographia.

Desejamos que em breve se restabeleça.

O Marquez de Penalva, ha pouco fallecido, era bem conhecido pelas suas ideas a favor de D. Miguel, e d'elle se conta como autentico o seguinte curioso caso.

Celebravam-se em Elvas, onde então o Marquez se encontrava, os festejos do casamento do tambem já fallecido rei D. Luiz e entre as illuminações publicas sobresaia a da camara municipal em que estavam as seguintes letras *V. D. L. I. D. M. P.*

A' noite achava-se o Marquez na Praça olhando para a illuminação da camara, quando se acercou d'elle um grupo de pessoas das suas relações, e um d'elles disse com toda a naturalidade, não se lembrando das idéas politicas do Marquez:

Varias têm sido as interpretações que se dão áquellas iniciaes, mas nenhuma como a de F...

—Qual é? perguntou o Marquez.

E' a seguinte:

Vinde Dignos Liberaes Italianos Dar as Mãos aos Portuguezes.

Ao que o Marquez retorquiu.

—Oiga lá agora a do Marquez de Penalva. Vandalos, Delapidadores, Ladrões e Impios Dominam a Monarchia Portugueza.

VENDEM-SE

Por BAIXO PREÇO acções da empresa do jornal o «Algarvio».

Quem pretender dirija-se á redacção do «Louletano».

No proximo domingo, 1 d'Outubro, effectua-se em Valle Judeu a festa de Nossa Senhora do Bom Successo.

E' principal festeiro o nosso bom amigo sr. Antonio Nunes Teixeira.

No sabbado, trinta do corrente, ha illuminações e fogos e no domingo de manhã missa cantada por musica vocal e instrumental e de tarde procissão.

Se o tempo estiver agradável deve ser grande a concorrência de pessoas d'esta villa e seus arredores á referida festa.

Em virtude do mau tempo ficaram transferidos para hoje os fogos, cavalhadas e tourada que se deviam levar a effeito hontem em S. Lourenço.

Deve affluir ali muitissima gente, principalmente por causa da tourada.

DECLARAÇÃO

Para que o publico não faça juizos temerarios que vão de encontro á minha probidade e credito, declaro que achei a quantia de 40:000 réis em duas notas de 20:000 réis, no solo da casa da officina de sapataria, pertencente ao sr. Manoel Rodrigues Barbosa, cuja quantia guardei por ignorar quem fosse o dono; porem apparecendo o sr. Barbosa a reclamá-la e provando que era sua, immediatamente a entreguei, sentindo apenas que fosse necessario tanto apparato bellico para o embolso da mesma.

Vallarinhos, 21 de setembro de 1893.

José Joaquim d'Almeida e Silva

Voz do sangue

Ora estamos no gabinete de estudo do velho abbade.

Digo de estudo, porquanto, apesar da numerosa idade, o bom do sacerdote, esquadriinha, com ganas de neophyto, as suas archeologias.

Eil-o amesendado a seu bufete, sobre que se espalham, como atirados a esmo, velhos cartapacios, edições modernas, manuscritos, papelada, e uma caterva de objectos e fragmentos sem outro parentesco nem afinidade, senão a de serem todos antigalhas mais ou menos vetustas. E não falta, á mão direita, a caixa de rapé e o grande lenço encarnado.

Enorme candieiro de latão, reluzente de areado, esparze sobre aquelle cahos o lume de seus tres bicos.

Embuçado em seu capotão, de gola em pé, sumindo a cabeça n'um carapuço de pelles, o abbade, visto por traz, figura um fardo, uma trouxa.

Pela frente, a bandeira do candieiro ensombra-lhe a parte superior da cara, deixando á luz apenas o queixo e a bocca. Parece abysmado na inspecção de um cacosito de barro.

—Dá licença, senhor abbade? rechinou de fóra uma voz; acompanhando recatado bater na porta.

—Póde entrar, Thereza.—Que é?

—E' um rapaz dos montes, que vem com um chamado... Nunca o deixam quieto! Lá vae ser preciso requentar a ceia... E ella que estava de se lhe tirar o chapéu! Como não ha de o senhor andar adoentado e ser tão bi-queiro?! Não come nunca a horas; nem a ponto!... As cousas já estraagdas... Derranca o estomago e...

O bom do abbade, com escarmentada paciencia, deixava jorrar a catadupa de queixumes, espianando pausa onde encunhar o seu recado. Tentar interromper de chofre, antiga experiencia lhe demonstrara ser baldada porfia.

Quando achou frincha para se intrometter:

—Dize ao rapaz que entre; e guarda para depois o resto do sermão.

—Mas é que isto custa! O senhor está por tudo quanto elles querem, e não trata de si. Se o chamam ás horas do jantar ou da ceia, deixa o comer o vae. Que vente, que chova, mette-se a caminho... E tudo isso para quê? Não me dirá?!... E depois, os pobros crea-

dos!... Que gosto ha de ter a gente, em se apurar no cozinhado, para uma pessoa que tudo come fóra de sasão; e nem conhece o bom do mau, á força de destruir o paladar?...
—Ah! tu hoje estás assim?! Então espera.
—O' rapaz!...—E' surdo!...—O' rapaz dos montes!...—Está bom; lá irei!
—Espere ahí, senhor! Não se levante. Já que nem a gente pode falar, eu lá vou chamar o moço.
—Então que é?
—E' do casal de S. Gião que mandam chamar a vocemecê...
—Vossa Senhoria, bruto. Não vês com quem estás fallando. Veja o senhor estes alarves!...
—... a Vossa Senhoria, para levar a Santissimo.
—Algun flato! Logo cuidam que morrem; e querem sacramentos. Beatices para enganar o mundo! Como não pagam a festa! Haverá de ser comigo!
—Thereza!... já para a cosinha!
—Pois é!... para elles tudo!... a pobre Thereza nem pode abrir lico.
—Marche! velha rabugenta!
—Velha?! Olha quem fala!... Andou comigo ao colo... Logo, escusa dizer mal da ceia. Sua alma, sua palma. Quem boa cama faz... Enquanto a velha se ia, resmungando sempre, o abbade levantara-se e, virando-se ao rapaz:
—Então está mal a tia Guiteria? Não sabia nada! Foi de repente?
—Ná! diz que é a filha.
Desceram. O abbade foi dar ordem para sellarem a mula e chamarem o sachristão.
No gabinete, estava um borralhinho. Cá fóra—faça Deus bom tempo!—uma cacimba nevada; uma especie de caramello em poeira que picava na pelle, como bicos de agulhas.
—Tu vieste a pé, rapaz?
—Vim, sim, senhor.
—Para uma pressa, não ha melhor! Então que é feito do gerico da tia Quiteria?
—O gerico? Antes eu quero vir a pé. Inda hontem elle me deitou dentro da barroca e abalou.
—Bem! então trepa cá para a garupa da mula.
—Não faz minga, senhor abbade!
—Anda, já te disse. Não sejas tolo... O' mãos d'aranha! Velho sou eu e não me atarantava tanto... Anda, mono! Mette o pé ahí no estribo. Dá cá a mão. Upa!... Ora ainda bem!
—O' chior Antonio.
—Diga, senhor abbade.
—Vocemecê traz tudo? Ou esquece-se de alguma cousa, como costuma? Não digo do cagãozinho de genebra; esse nunca lhe esquece.
—Nada! hoje não tomei, senhor abbade.
—A quem você o diz!
—Serio, senhor abbade! Posso jurar.
—Bem sei!... pela botija.
—Então que é? tia Quiteria.
—E' a minha Anna que está muito mal. Se Vossa Senhoria faz favor de subir...
Quando foram no quarto da supposta enferma, a tia Quiteria lançou-se aos pés do abbade, a pedir-lhe perdão.
Que o enganara. A filha não precisava do Viatico. Mas fiavam da compaixão do senhor abbade... um christão que toda a gente, a umas poucas de leguas, venerava como santo... E era o caso...
Em remate da historia, apresentaram-lhe um recém-nascido.
—O que é leval-o, bem estaria. Fazer a diligencia para trazer o morgado a cumprir os seus deveres, é o menos. Mas como hei de eu sustentar a criança tantas horas?
—Vossa Senhoria tem as cabras do pas-sal...
—E' verdade; lembra bem. E a respeito de occultar o caso ao sachristão? Está de ver que o anjinho não me vae d'aqui á villa sem gannir.
—O sachristão é bom homem; e, em Vossa Senhoria lhe dizendo que se cale, guardará segredo.
—Seja assim. Mas olhe que vae por sua conta.
—Que é isto? Onde foi o senhor buscar esta prenda?... Querem ver que foi a porca da Anna!
—Thereza! occupe-se da sua vida e deixe o que não lhe diz respeito.
—Ah! elle é isso? Pois aqui lhe declaro

que escusa de me pedir que lhe trate do increnque.
—Eu não peço; mando.
—Pois mande á vontade; mas nanja n'isso. Não me diz que trate da minha vida? A minha vida não é ser ama de cria.
—Venha cá, mulher! Então ha de se deixar a criança para ahí...
—Isso é lá com o senhor. Para mim tanto monta. Quem o fez que o crie. Torne a leval-o á Anna de S. Gião... E' d'ella, não é?
—E' do diabo!
—Cruzes! até pragueja!... Ah!... já sei! E' que o achou n'alguma toca, entre os ferros velhos de que anda á cata!... Para cá vem barrado, meu senhor.
—O' creatura! você quer ou não quer tomar conta do menino?
—E' para muito tempo?
—E' só por esta noite.
—Está bom! cá vae o jelmo. E que feio! Cuim! Cuim! Cuim!... Cal-te, estafermo! Se a cabra estiver para o aturar, boa vae ella. Mas a Anna ha de me ouvir... Olá!
—O' mulher de Santanaz...
—E bem Santanaz que era o meu defunto!
—...o que se passa n'esta casa é segredo.
—Salvo seja! Para mim é segredo o que me dizem e não o que adivinho...
—Pois bem! é da Anna.
—Grande atrevida! Grande porca! E parece que não quebra um prato! Deixa estar... E lá se foi, grazinando.
Na immediata madrugada levaram ao morgado aviso do abbade, que o esperava na sala.
—Ora, santos dias, senhor abbade. Que o traz por esta sua casa; e entes da missa?... Isso é para recusar o almoço. Soberba! meu caro abbade. Peccado capital!
—Meu amigo, o que cá me traz é grave.
—De morte de homem para cima ou para baixo?
—De morte de mulher... mas morte moral— a deshonra publica.
—Não fui eu, abbade. Posso jurar-lh'o.
—Quem é então o pae d'esta criança?
—Diga-me primeiro quem é a mãe. Talvez por ahí me encaminhe ao pae.
—A mãe é a Anna do casal de Gião.
—Ah! então já sei quem seja o pae.
—E vem a ser?
—O meu escudeiro.
—Sim! elle é um modo de remediar o mal. Comtudo, parece-me assim um tanto ou quanto...
—Um tanto ou quanto?...
—Custa a dizer, mas não ha outra palavra.
—Então venha essa.
—Já que o deseja!... E' infame.
—O' abbade! e se eu lhe disser que o pae d'esta criança é o senhor?
A mão do velho ergueu-se, e uma bofetada desabou... sobre uma jarra, que foi parar ao sobrado, escaqueirando-se. O morgado furtara o rosto.
Ao ruido abriu-se uma porta.
—Que é isto?
O abbade e o morgado explicaram—
—Senhor meu filho! eu digo-lhe como o nosso abbade:—A sua acção é infame. Fez o filho; tome conta d'elle.
—Tem toda a razão, minha mãe; mas só em abstracto. Cá no positivo, digo-lhe eu: Não fiz o filho; não tomo conta d'elle.
—Não toma?
—Não minha senhora.
—Nem mandando eu?
—Nem assim.
—Então saia d'esta casa. Com a sua legitima, tem para viver fartamente. Logo lhe será entregue.
—Pois seja. Tem razão. Farei os meus deveres de pae. Minha mãe, dê-me licença para casar.
—Com quem?
—Com a mãe d'este menino.
—Quem é?
—A Anna do casal de S. Gião.
—A filha do ferrador?... E mais não quer?
Que lindo havia de ficar, nos braços dos meus netos, em campo de goles um asno de prata; e, de timbre, um cravo e um puchavante!
—Seria uma infamia engeitar este innocente; ou deixal-o sem nome.
—Um filho da Anna, quando se chamar «da Penabrava Moscoso» tem nome de mais para o lavar da bastardia.
—Talvez... Agora, porém, que me fizeram olhar bem para o negocio, estou resolvido. A Anna será minha mulher. Não quero que meu filho fique sem mãe.

—Ficará a mãe sem filho.
Voou o morgado a tirar o pequeno das mãos da suppositicia avó!
—Ora perfeitamente! O senhor abbade, com a sua bofetada, e minha mãe querendo atirar o menino pela janella fóra, responderam por mim; e melhor que eu. Pois não é certo, meu santo abbade, que pretendem impôr-nos uma paternidade alheia, pro-rogar a correccão; e até repugnante á propria gravidade e habitual paciencia da pessoa? Ora veja, minha mãe. Para estorvar um enxerto sujo, no seu tronco de linhagens, queria matar aquelle que suppõe seu neto; neto do seu sangue. Como hei-de eu querel-o para filho, sabendo que o não é? Torno a declarar, e agora não admitto duvidas: este pequerrucho não me pertence. Não lhe guardo reserva pela bofetada, abbade! em vez de me castigar, deu-me razão. A sua candura e muita bondade cahiram em logro, e levaram-n-o a mau feito... Ah!!
Fez o morgado a exclamação, reparando nas costas da creança; acaso descobertas nos baldões que tinha recebido.
Tocou a campainha.
—Agora vão ter a prova.
—O meu escudeiro...
—Despe as costas.
—Deante da senhora?
—Sim.
—Meu filho.
—Consinta, minha mãe. E' para acabar com duvidas.
Por debaixo da espadua esquerda, o escudeiro tinha um lunar.
Outro igual, e no mesmo sitio, malhava as costas do pequeno.

BETTENCOURT RAPOSO.

Santa Barbara de Nexe

Já temos luz!... E com que expansão o dizemos!... Pudera, se ao regressarmos ás nossas humildes choças já vemos por onde vamos!...
Não se vá agora suppôr que a luz de que fallamos é a luz da lua, que já nos acompanha outra vez nos nossos serões. Não, senhores: é que enfim fomos attendidos pela muito illustrada camara de Faro, sempre lá chegou um pequeno ecco da nossa debil voz, e já mandou accender os candieiros da nossa pobre aldeia!...
Haverá ainda quem diga: não fez a camara mais que o seu dever. E' bem verdade que assim é; mas tambem é verdade que ha mães tão desnaturadas que quando os filhos pedem pão, ellas, apezar da obrigação que lhes assiste de os sustentar, fazem ouvidos de mercador!
Esta é outra mãe, esta é mãe amantissima, esta ouve e attende os clamores de seus filhos, e não seremos nós que lhe regatearemos os merecidos elogios, bradando, bem alto: honra lhe seja.
—No dia 1.º de outubro proximo ha de ter logar na igreja parochial d'esta freguezia, a festa da Nossa Senhora do Rozario, por musica vocal e instrumental, orando o rev. Alexandre João do Nascimento. De tarde haverá ao publico trabalhos gymnasticos executados pela companhia Irmãos Serrats. Na noite arraial e fogos de artificios; tocando a estes festejos a excellente philarmonica Oito de Dezerbro, de Faro.
(Do nosso correspondente)

LOULÉ—TYP. DO LOULETANO

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

1.º annuncio

No domingo 24 do proximo mez de setembro pelas 11 horas da manhã á porta do tribunal judicial d'esta villa, sito na rua de Espirito Santo, da mesma, e pela execução hypothecaria que o padre Domingos José de Souza, de S. Vicente d'Areias, comarca de Barcellos, move contra Francisco Bernardo Vieira e mulher do sitio do Troto, freguezia de S. João d'Almancil d'esta comarca, se hão de pôr em hasta publica e arrematar pelo maior preço que se offerecer aos dois predios seguintes:—1.º—Predio rustico no referido sitio do Troto e consta de terra de semear de regadio e sequeiro, com arvoredo d'espinho e caroço, figueiras, latada, nóra e tanque ava-

liado em 100\$000. 2.º Outro predio rustico denominado o da *Amoreira* tambem no referido sitio do Troto que consta de terra de semeadura com diverso arvoredo e avaliado em 500\$000. São por este citados quaesquer credores incertos para os fins e effeitos do art.º 844 do codigo do processo civil.
Loulé, 31 d'agosto de 1893.
O escrivão,
Sebastião Drago d'Azevedo Lobo.
Visto—DUARTE PIMENTA.
(Leva um selo de justiça de 50 réis).

EDITAL

A camara municipal de Beja, abre concurso por carta fechada, o qual termina pela uma hora da tarde de 29 do corrente mez de setembro, para a adjudicação, convindo, de cantarias para a obra da vedação do passeio d'esta cidade sendo a base de licitação 233:640 réis.

ADVERTE-SE

Que os licitantes teem de fazer um deposito provisorio de 21/2 por cento do total da arrematação.
Que as propostas deverão ser escriptas em papel sellado da taxa de cem réis.
Que o projecto e condições estão patentes para quem as quizer examinar e d'ellas tirar copias em todos os dias uteis desde as dez horas da manhã até ás trez da tarde.
Beja, Paços do Concelho 15 de setembro 1893.

Servindo de presidente,
Manoel Guerreiro Costa Branco.

ATTENÇÃO

Quem quizer sortir-se de phosphoros de pau de 1.ª qualidade a 500 réis a grossa dirija-se ao largo de S. Francisco ao estabelecimento de

Manoel Rodrigues Corrêa.

DINHEIRO A JURO

Dá-se a 8 por cento ao anno (para quantias não inferiores a 1:000\$000) com boas hypothecas.
N'esta redacção se diz.

HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º E 2.º ANDAR LISBOA

N'este hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 1:000 réis por dia, um bom tratamento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,
Luiz Augusto Brandão.

Armador e estofador

ELYSIO SANTOS & C.ª

83 a 93—RUA AUGUSTA—LISBOA

Esta casa fornece estofos de todas as qualidades para decoração de casas, assim como alcatifas, oleados, passadeiras, mobílias modernas, etc.

Vende por atacado e a retalho para todos os pontos do paiz, para as ilhas e ultramar, satisfazendo com promptidão as encomendas que lhe são dirigidas e acompanhadas do valor em cheque ou de boas referencias em Lisboa.

A perfeição do trabalho das suas officinas fez com que esta casa obtivesse o diploma de menção honrosa na exposição industrial portugueza de 1888.

FRANCISCO SIMÕES COUTINHO

3—RUA DOS CAPELLISTAS—5

Folha de Flandres de todas as qualidades, chumbo em barra, zinco, estanho, folha de ferro ondulada para telhados, arco de ferro, sortimento completo de ferragens e quinquerias tudo por preços sem competencia.

Azeites finissimos de procedencia de Abrantes e Castello Branco, por atacado e a retalho.

PHOSPHOROS

Amorphos, cera e enxofre

FABRICA DA

Companhia Nacional de Phosphoros

Unica que apresenta o artigo tao aperfeiçoado e por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

JULIO MARQUES DA SILVA

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS)
LISBOA

MOLESTIAS DE PELLE

POMADA STYRACINA, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impirgens, nodos, borbulhas, comichão, dardos, herpes, lepra, panno, sardas e feridas antigas.

Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma delicada brancura, sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodos, borbulhas e encobre os signaes das bexigas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio, a Manoel Piñto Monteiro, Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA.

A'S PESSOAS QUEBRADAS

COM o uso por algum tempo do emplastro ANTEUPHELICO se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

PREÇO DA CAIXA 1\$800 RÉIS

Egualmente se remette pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle, ou notas (carta registada) a

Manoel Pinto Monteiro

Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA

HOTEL MARQUES

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»
LOULÉ

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

HOTEL AVENIDA

PRAÇA, 28—LOULÉ

ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunches, ceias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VINTEM.

SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAS E ESPARTO
NO LARGO DE S. FRANCISCO
LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos freguezes que acaba de sortir os seus armazens com os seguintes generos:—fava, cevada, milho, trigo, feijão, grão de bico, farinha, farello, esparto, etc., tudo por preços convidativos.

VENDE-SE

Uma morada de casas terreas com quintal, varanda e poço, situadas na rua da Larangeira, d'esta villa.

Quem pretender dirija-se a D. Eugenia Nobre da Silva, sua proprietaria.

CARREIRA DE DILIGENCIAS

Pablo Garcia Delgado, com trens de alu-guer e diligencias para o caminho de ferro e S. Braz, fazendo os trasportes por preços bastante baratos; carros para condução de malas, para toda a parte da provincia e quaesquer carros.

Encarrega-se de despachar encomendas para qualquer parte.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.^A

LISBOA



UNICOS vendedores da machina Memoria, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas. Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis. Encarrega-se de satisfazer qualquer pedido de velcipedes e byceletes, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda
LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE
LOULÉ E ALBUFEIRA

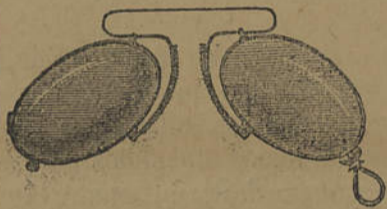
Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqueime, Paderne e Salir.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoros e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candleiros, relógios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade.
(Especialidade em chá, café e chocolate)



Grande e completo sortido em
OCULOS E LUNETAS
de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

LOULÉ—Manoel Rodrigues Corrêa.

NOVA MERCEARIA
DE
J. M. CAMPOS
RUA DA CONCEIÇÃO
LOULÉ

Participa aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir o seu estabelecimento de mercearias onde encontram um completo e variado sortido de generos de primeira qualidade, taes como: assucar, manteiga, farinha, genebra, cognac, licores e diversos artigos de quinquilherias, que vende por preços reduzidos.

SEMPRE BARATO

FAZENDAS, MODAS E CONFECÇÕES

MERCEARIAS

Vinhos finos do Porto e Madeira
genebra, cognac e licores

QUINQUILHERIAS

Pannos de seda e crina para peneiras

BOM SORTIMENTO DE GRAVATAS

COLLARINHOS E PUNHOS DE BORRACHA

No estabelecimento

Alexandre J. N. Santos
LOULÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellent vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

ATTENÇÃO

PABLO GARCIA DELGADO, com estabelecimento de fazendas de algodão, linho, seda e lã, participa a todos os seus freguezes e ao publico em geral, que acaba de receber um bonito e variado sortido de fazendas proprias para a estação de verão tanto para senhoras como para cavalheiros:

Consta de setins-riches-escocezes, irenes, chitas finas, primaveras, percaes, lãs para vestidos e sedas, tudo da ultima novidade.

Lenços de seda em cores, brancos e pretos. Casamiras meltons e cheviotes, e tudo vende por preços sem competencia!

Pede que visitem o seu estabelecimento na rua de S. Sebastião, n.ºs 68, 70, 72, 74, e Largo da Barbacam, 10 e 12.

GUIA

DOS

CORPOS ADMINISTRATIVOS

CONTENDO O DECRETO

DE 6 DE AGOSTO DE 1892

QUE APPROVOU

A Reforma Administrativa

E TODAS

As alterações que tem soffrido o Codigo Administrativo de 1886, desde a sua publicação até ao presente, dispostas pela ordem dos artigos do mesmo codigo.

Publicação util a todos os presidentes, vesreadores e secretarios das camaras municipaes, administradores de concelho, membros das commissões districtaes, das juntas de parochia e em geral a todas as pessoas que traem de negocios administrativos.

PREÇO 200 REIS

Pedidos ao edictor A. J. Rodrigues
RUA LUZ SORIANO, 100, 1.º

IMPRESSOS

Acham-se á venda n'esta typographia impressos para Mappas estatisticos do movimento parochial mensal, a 100 reis cada caderno.

TYPOGRAPHIA

DO

LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se instalar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autoações, recibos, quitações de foros participações de casamento, envelopes e pape timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

COMPANHIA DE SEGUROS

TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA

de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Effectua

SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,

Manoel Rodrigues Corrêa.